

## A gênese do gênero obituário na imprensa brasileira<sup>1</sup>

Marco Aurelio Reis (Unesa-RJ)<sup>2</sup>  
Claudia de Albuquerque Thomé (UFJF)<sup>3</sup>

### Resumo

O presente artigo apresenta resultados de pesquisa que identifica o marco inicial do formato jornalístico obituário na imprensa brasileira. A partir de levantamento em acervo disponibilizado de forma digital pela Biblioteca Nacional foi possível identificar o texto inaugural publicado em 5 de julho de 1809 pela Gazeta do Rio de Janeiro. A partir da descoberta e usando metodologia de análise crítica da narrativa define-se que a morte de autoridade foi o critério de noticiabilidade utilizado pelo jornal diário do período joanino para a publicação do obituário inaugural, que traz um formato híbrido entre os gêneros utilitário, informativo e diversional, inserindo a publicação entre as peças do jornalismo literário.

### Palavras-chave

Obituário; narrativa; Gazeta do Rio de Janeiro; gêneros jornalísticos

### Introdução

Registro sobre falecimentos veiculado nos meios de comunicação social, o obituário é listado mais comumente entre os formatos jornalísticos do gênero serviço ou utilitário, sobretudo quando simples nota. Aparece ainda, de forma menos frequente, entre os formatos do gênero informativo, quando traz mais informações sobre a vida do morto. E mais raramente ainda entre os formatos do gênero diversional, nesse caso quando o estilo do redator e os recursos de linguagem o inserem como peça do jornalismo literário.

Como narrativa jornalística, o obituário se submete aos chamados critérios de noticiabilidade e, em função deles, notoriedade, atualidade e novidade, entre outros, são elementos que se encontram nesses textos e justificam sua publicação em jornais, veiculação em emissoras de rádio e TV e presença em sites noticiosos. Autor referencial sobre os critérios que tornam um fato em notícia, Nelson Traquina classifica morte

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, professor Doutor da Universidade Estácio de Sá e bolsista do Programa de Pesquisa e Produtividade da mesma instituição. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq Narrativas Midiáticas e Dialogias, coordenador do Núcleo de Comunicação (Unesa/Niterói) e da graduação em Produção Audiovisual (Unesa/João Uchôa). E-mail: marco.reis@estacio.br

<sup>3</sup> Jornalista, mestre em Comunicação e Cultura e doutora em Ciência da Literatura. Professora da Facom/UFJF e do PPGCOM/UFJF e líder do Grupo de Pesquisa/ CNPq Narrativas Midiáticas e Dialogias. E-mail: cthomereis@gmail.com.

---

como valor-notícia e chega a afirmar: “Onde há morte, há jornalistas” (TRAQUINA, 2005, p.79).

Dividido nos tipos narrativo (mais comumente em casos de falecimento de pessoas notórias) e de anúncio (em geral pago pelos familiares), os obituários são responsáveis por alguns folclores nas redações jornalísticas e faculdades de Jornalismo, sendo um dos mais comuns o do editor estadunidense que passava os dias no setor de pesquisa da redação onde cuidadosamente atualizava os perfis biográficos de políticos, cantores e outras pessoas famosas de modo a ter menos trabalho quando essa celebridade morresse. Outro folclore, que circula notoriamente nas redações da cidade do Rio de Janeiro, dá conta que quando uma celebridade adoece gravemente, e tem seu obituário feito às pressas de um dia para o outro, seu estado de saúde melhora repentinamente e o personagem custa a morrer.

O presente trabalho se insere no sistema de estudos sobre o formato noticioso chamado obituário para identificar, graças às atuais facilidades digitais de pesquisa sobre a história do Jornalismo no Brasil, a gênese desse formato na imprensa brasileira no jornal Gazeta do Rio de Janeiro, no ano de 1809<sup>4</sup>. Para tanto, recorre aos arquivos da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional e identifica o texto inaugural, analisado a partir da metodologia de análise crítica da narrativa (MOTTA, 2013), com a qual é possível elencar personagem, dêiticos e enredo, entre outros elementos dessa narrativa inaugural, e afirmar que tal texto abre um sistema no qual os obituários podem carregar gêneros híbridos e se inserir no rol dos conteúdos do chamado jornalismo literário.

A presente pesquisa é decorrente de discussões no âmbito do grupo de pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias/CNPq/UFJF/Unesa-RJ. Este artigo busca contribuir para a história do Jornalismo no momento em que o formato obituário migra da cadeia tradicional do Jornalismo para o meio digital mais comumente no formato literário, de modo a montar um sistema que ligue esse texto inaugural aos sites especializados em obituários, como o Legacy.com, focado no tema e atuando em parceria com “1.500 jornais e 3.500 funerárias nos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Reino Unido e Europa”<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Bridget Fowler (2007), pesquisador referencial do obituário no jornalismo, identifica o ano de 1731 como o primeiro desse formato na imprensa ocidental. O autor localiza no londrino The Gentleman's Magazine os textos inaugurais com perfis biográfico-mortuários de celebridades e de pessoas desconhecidas.

<sup>5</sup> In <https://www.legacy.com/about/about-us>, acesso em 23/05/2019.

## **Um formato consolidado na Imprensa**

Obra referencial nos estudos sobre a história do Jornalismo em nosso país, o livro *História da Imprensa no Brasil*, do historiador Nelson Werneck Sodré (1977), não se mostra simpático à Gazeta do Rio de Janeiro, tecendo elogios apenas ao concorrente da publicação, o jornal Correio Braziliense. Sucessora de Sodré nos estudos sobre a história da imprensa no Brasil, a professora Marialva Barbosa (2004) afirma que os jornalistas se constituem senhores de memória da sociedade.

As pesquisas sobre a história do jornalismo nacional lançam olhar sobre um espaço de tempo que soma dois séculos, a contar de 1808, ano de circulação dos primeiros jornais brasileiros, e têm que dar conta de personalidades, veículos, censuras e jornalistas, entre outras particularidades. O formato obituário, cotidiano, e menos valorizado, não figura de forma detalhada nesses levantamentos.

Também é pouco comentado em outros estudos sobre história da imprensa nacional, sobretudo porque esse formato nas redações brasileiras não é visto com destaque, uma vez que, na maioria das vezes, não tem seu autor identificado ou, quando assinado, “o nome significará pouco ou nada para quem lê” (LAGE, 2002, p. 23). O formato obituário acaba por ser um detalhe pequeno na trajetória da imprensa nacional, marcada por transformações tecnológicas e por censuras em diferentes momentos. Tais motivos são explicações possíveis para o fato de o obituário ser menos visto na história da imprensa, enquanto aparece mais frequentemente quando se discute gênero jornalístico, o que inclui o autor referencial José Marque de Melo.

MELO (2010, p. 228) define o obituário como formato, híbrido, presente nos gêneros informativo e utilitário, sendo que este último, segundo o autor, se fixaria na imprensa brasileira no final do século XX, com a consolidação das sociedades povoadas pelos cidadãos-consumidores, mas podendo ser encontrado anteriormente. O autor afirma que o gênero utilitário, chamado por ele também gênero operacional ou jornalismo de serviço, tem como principais formatos os que podem ser tagueados como indicador, cotação, roteiro e serviço. Já o informativo reúne os formatos nota, notícia, reportagem e entrevista. Obituário seria, portanto, um formato secundário nos dois gêneros, mas como os demais formatos desses gêneros, tem como característica principal a atualidade, a morte súbita ou ocorrida mais recentemente mesmo que esperada por decorrer de doença.

---

SEMMLER e DAROS (2018), em estudo recente, defendem que, além de se enquadrar como um gênero jornalístico informativo e utilitário, o formato obituário usa elementos do gênero diversional como “recurso estilístico para amenizar o peso da morte, buscando uma forma de celebração da vida” (p. 303). Já a autora Mônica Martinez (2012) inclui obituários como jornalismo literário, quando este se apresenta como perfil biográfico de um morto, como no caso de José Wilker, logo após a notícia de sua morte, em 8 abril de 2014, pelo jornal O Estado de S. Paulo.

Quem entende o obituário como produto do Jornalismo Literário recorre a um exemplo recente da imprensa brasileira, o da Folha de S. Paulo. Em textos mais frequentes no fim da década passada e início desta, o jornal mantinha o tom literário ao homenagear alguém pouco conhecido, configurando uma obra improvável que, por ter tom literário, despertava interesse, sendo notórios os obituários de Miguel Idalgo, primeiro padrão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva; e da bibliotecária Rosemarie Horch, declaradamente amante dos cheiros do tempo nos livros. Os textos fizeram tanto sucesso que migraram para livro, publicado em 2015, e com o título: *Um dia, uma vida* (SERVA, 2015).

Tais estudos sucedem o texto referencial do jornalista Matinas Suzuki Jr. (2008), que tratou dos obituários do The New York Times. Nele, Suzuki cita o também jornalista Alden Withman (1913-1990), do Times, considerado pioneiro dos obituários personalizados, para defender o formato como um retrato instantâneo do morto dentro da categoria do New Journalism, ou seja, um texto autoral para além do noticiário factual e com particularidades autorais do jornalismo literário.

Nenhum desses estudos sobre gêneros jornalísticos e sobre o formato obituário, porém, se debruça sobre o texto inaugural no solo brasileiro. Nele, um autor não identificado fala por meio das páginas do jornal Gazeta do Rio de Janeiro (setembro de 1808 a dezembro de 1922) da morte, em 1809, do então governador da Bahia, Conde da Ponte e capitão general da corte joanina.

### **Gazeta do Rio de Janeiro, primeiro jornal impresso no Brasil**

De acordo com Bruno Brasil<sup>6</sup> (2015), em artigo que consolida dados da obra referencial de Werneck Sodré (1977) e de artigo de Juliana Gesuelli Meirelles (2008), da Revista de História da Biblioteca Nacional, a Gazeta do Rio de Janeiro, lançada a 10

---

<sup>6</sup> In <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/gazeta-do-rio-de-janeiro-2/>, acesso em 25/05/2019.

de setembro de 1808 e com circulação até 31 de dezembro de 1822, ia naquele ano para as ruas às quartas-feiras e aos sábados. O primeiro obituário na imprensa brasileira iria circular numa das edições de quarta-feira, 5 de julho de 1809, contando a história de vida de uma personalidade morta poucos dias antes.

A Gazeta do Rio de Janeiro foi oficialmente o primeiro jornal escrito, impresso e distribuído inteiramente no Brasil. Foi, no entanto, o segundo de nossa nação, sendo o primeiro, o Correio Braziliense, lançado em junho de 1808, portanto apenas três meses antes da Gazeta, mas impresso em Londres por ser contrário à corte joanina e, por isso, tendo que burlar a censura da época. O Correio defendia a independência política do Brasil, enquanto a Gazeta circulava como uma espécie de órgão oficial da corte, sendo precursora do Diário Oficial da União.

A Gazeta do Rio foi editada inicialmente por frei Tibúrcio José da Rocha, português nascido na cidade do Porto, em 1778, e cuja morte se dá no Rio após 1830, quando o editor já deixara a vida religiosa franciscana por questões de consciência. Tibúrcio editou a Gazeta nos primeiros quatro anos de circulação do jornal, sendo substituído pelo jornalista Manuel Ferreira de Araújo Guimarães<sup>7</sup>.

Frei Tibúrcio atuava como editor, mas era nomeado como redator, uma vez que a função de editor surgiria apenas tempos depois. O religioso buscava em jornais internacionais, sobretudo europeus, artigos e informações de interesse da Coroa. O frei traduzia e enxugava os textos, sendo os principais a respeito das invasões napoleônicas que haviam tocado a família imperial portuguesa para o Brasil, cuja chegada, em janeiro de 1808, inicia o período joanino, ou seja, período em que D. João VI comandou a corte portuguesa a partir do Rio de Janeiro.

O religioso também contava detalhes das festas e cerimônias reais e publicava documentos oficiais ligados à administração da corte. É ele quem noticia a morte do governador da Bahia no primeiro obituário publicado no Brasil. Antes, as mortes noticiadas pela Gazeta se resumiam às perdas militares provocadas pelo avanço napoleônico e a ações dos “vassalos do rei para que houvesse a Restauração em

---

<sup>7</sup> Manuel Ferreira de Araújo Guimarães dirigiu a Gazeta do Rio de Janeiro até julho de 1821, quando deixou a publicação para fundar O Espelho, também ligado à corte. “Sua decisão [de deixar a Gazeta] possivelmente foi motivada por pressões da censura, que se tornara mais implacável com a eclosão do movimento constitucionalista português. Ao cabo de um ano e meio, todavia, o jornal estaria suspenso”. (BRASIL, 2015, s/p).

Portugal e a expulsão do exército de Napoleão” (BARBOSA, 2013, p. 40). Não tinham o tomo de obituário porque as mortes não eram a informação principal.

A Gazeta funcionava no número 44 da Rua do Passeio, no térreo da então residência do Conde da Barca. Rodava nas máquinas da recém-instalada Impressão Régia, fundada com autorização da corte que, em 1808, permitira, pela primeira vez, a impressão de jornais, livros e folhetos em terras brasileiras. Inicialmente saía somente aos sábados, mas ainda em 1808 passou a circular também às quartas-feiras. Depois, no ano de 1821, seria publicada também às terças-feiras.

A Gazeta tinha apenas quatro páginas e media 24x18cm, tamanho considerado pequeno, equivalente ao de um livro, e pouco diferente do concorrente direto. O Correio Braziliense, editado por Hipólito José da Costa, circulava com pelo menos 70 páginas em edições mensais em formato 20x25 cm, também semelhante ao de um livro. Nelson Werneck Sodré (1977) chama a Gazeta de “arremedo de jornal”, sem grande influência sobre a opinião pública.

Era um pobre papel impresso, preocupado quase que tão somente com o que se passava na Europa, de quatro páginas (...) Jornal oficial, feito na imprensa oficial, nada nele constituía atrativo para o público, nem essa era a preocupação dos que o faziam, como a dos que o haviam criado. [O historiador inglês, João] Armitage situou bem o que era a Gazeta do Rio de Janeiro: ‘Por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, o estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume’. (SODRÉ, 1977, p. 23)

O autor da obra *História da Imprensa no Brasil* revela que as edições de frei Tibúrcio passavam pelo crivo de nobres da corte joanina e, como política da Impressão Régia, nada no jornal poderia atentar contra a religião, o governo ou os bons costumes, princípios defendidos pelos censores reais: frei Antônio de Arrábida, o padre-mestre João Manzoni, o magistrado Luís José de Carvalho e Mello e o diretor da Junta Diretora da Impressão Régia, José da Silva Lisboa, futuro visconde de Cairu.

Claro que havia queixumes. Como expressá-los porém, numa folha cujo material de texto era extraído da Gazeta, de Lisboa ou de jornais ingleses, tudo lido e revisto pelo conde de Linhares e, depois, pelo conde de Galveias, e que não tinha outra finalidade senão agradar à Coroa de que tão estreitamente dependia? Frei Tibúrcio nada ganhava

---

‘para ser gazeteiro’: quatro anos aturou o ofício, e demitiu-se, sendo substituído por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães. Hipólito da Costa lastimaria que se consumisse ‘tão boa qualidade de papel em imprimir tão ruim matéria’. (SODRÉ, 1977, p. 24)

Werneck Sodré afirma que a Gazeta teria apenas importância cronológica na história da imprensa brasileira. Como dito acima, no pequeno jornal, porém, sairia o primeiro obituário publicado no Brasil. Além dessa particularidade, A Gazeta integrou uma rede de correspondência interatlântica entre Brasil, Portugal e Inglaterra tratando da situação política europeia durante a expansão de Napoleão Bonaparte.

Foi o primeiro jornal brasileiro a viabilizar sua circulação veiculando propagandas, novidade anunciada em suas páginas: “na mesma Gazeta se porão anúncios que se queiram fazer, devendo enviar na quarta-feira no fim da tarde na Impressão Régias” (Gazeta, nº 1, 10/09/1808). O apelo deu resultado e foi no jornal onde saiu publicado o primeiro anúncio publicitário da imprensa brasileira, na “edição nº 2, de 17 de setembro de 1808: a oferta de Anna Joaquina da Silva por ‘uma morada de casas de sobrado com frente para Santa Rita’” (BRASIL, 2015, s/p).

Com saída de circulação da Gazeta do Rio de Janeiro, em 1822, os atos oficiais do governo passaram a ser publicados no Diário do Governo, entre 2 de janeiro de 1823 e 20 de maio de 1824. No dia seguinte, os atos oficiais passariam a ser publicados no Diário Fluminense (de 21 de maio de 1824 a 24 de abril de 1831) e novamente no Diário do Governo (entre 25 de abril de 1831 e 28 de junho de 1833) até passar a sair, após circular em jornais governistas, no Diário Oficial do Império do Brasil (a partir de 1º de outubro de 1862), que daria origem ao atual Diário Oficial da União.

### **O primeiro obituário publicado no Brasil**

O primeiro obituário na imprensa brasileira tratou, na edição de 5 de julho de 1809, da morte do então governador da Bahia, Conde da Ponte e capitão general da corte joanina, João de Saldanha Guedes Brito (Lisboa, 4 de dezembro de 1773 - Bahia, 24 de maio de 1809). Sexto Conde da Ponte, Brito governou a Bahia entre 1805 e 1809, tendo sido o responsável pela recepção da família real portuguesa no Brasil em 1808, onde veio sua notoriedade na corte joanina, a ponto de seu nome não ser citado no obituário inaugural, uma vez que o nobre era conhecido por todos no império.

Aos 35 anos de idade, o governador morreu no dia 24 de maio, fato noticiado um mês e duas semanas depois pela Gazeta. Cabe aqui destacar que “notícia no século XIX

não tinha o mesmo sentido de informação nova recente que terá a partir do século XX. Notícia naquele momento é ilustração, conhecimento de algo até então não sabido”. (BARBOSA, 2013, p. 48). O obituário do nobre João de Saldanha Guedes Brito saiu em uma única coluna. A edição da Gazeta em duas colunas iria acontecer somente mais tarde, a partir de julho de 1811.

Na edição de 5 de julho de 1809, a Gazeta abre suas páginas com a notícia, em uma coluna, da capitulação das tropas napoleônicas em solo espanhol. Traz a íntegra do acordo de rendição assinado pelos franceses com militares espanhóis e ingleses, sendo que os invasores ficariam na condição de prisioneiros de guerra até serem desembarcados em porto francês. O jornal segue com notícias a respeito da resistência portuguesa e espanhola, com auxílio da Inglaterra, contra ataques franceses pelo mar. Tais informações eram traduzidas por frei Tibúrcio.

Cabia ao redator um trabalho singular: deveria ler as gazetas [vindas da Europa] que chegavam à sua mesa, determinar o tamanho que a informação merecia na publicação, selecionar trechos que seriam publicados, traduzi-los, escolher a ordem da edição (obedecendo a lógica temporal cronológica, isto é, do mais antigo para o mais novo). (BARBOSA, 2013, p. 46)

Encerrado o noticiário do estrangeiro, a Gazeta do Rio de Janeiro dedicaria cinco linhas para falar dos festejos oficiais em torno do aniversário da quarta filha de D. João VI com Dona Carlota Joaquina, a infanta Isabel Maria de Bragança (Lisboa, 4 de julho de 1801 - Lisboa, 22 de abril de 1876), então completando oito anos de idade. A infanta, que nove anos mais tarde iria servir como regente de Portugal, teve, em seu aniversário de 1809, a visita de comitivas diplomáticas, enquanto nos portos e fortalezas as bandeiras do império ficaram hasteadas em homenagem à menina, que iria falecer solteira aos 74 anos de idade.

Como visto anteriormente, obituário informa a morte de um indivíduo e, no caso de pessoas conhecidas, como o governador da Bahia em 1809, traz um resumo com a trajetória dele em vida, dando destaque para episódios que ficaram notórios, como a recepção à chegada da família real ao Brasil um ano antes.

Foi o primeiro capitão general que teve a distintíssima honra de receber seu Augusto Soberano na Capitania do seu governo. O seu nome será imemorável nos tempos futuros. O Público perdeu um grande chefe, e Sua Alteza Real um grande servidor, de que o mesmo Augusto Senhor é testemunha, quando em 22 de janeiro de 1808 chegou felizmente ao porto desta cidade, onde se demorou até 26 de fevereiro, em que fez a vela para o Rio de Janeiro. (Gazeta, 5/07/1809)



O perfil, um dos formatos do gênero informativo, empresta sua classificação na seção de obituários, como essa inaugural da imprensa brasileira. Esse fato a ser narrado trata das atividades desempenhadas em vida, e também das paixões e detalhes familiares que teve o falecido, o que inclui seus últimos momentos. Neste obituário inaugural, a luta contra uma estranha moléstia repentina integra o perfil do morto. Os dêiticos sobre localização, tempo e personagem central são vistos logo no início do texto.

Em princípios do mês de abril do ano corrente de 1809 adoeceu o Excelentíssimo Conde da Ponte, Governador e Capitão General da Capitania da Bahia. Consistia sua enfermidade uma dor de lado, febre contínua e demasiado fastio. Foi chamado para lhe assistir o médico José Avellino Barboza, que o pôs em uma rigorosa dieta [...] Não diminuindo os sintomas da enfermidade, e depois de vinte dias lhe aplicou sobre o lugar da dor um pisicatorio (sic) que por momentos fez diminuir a dor (Gazeta, 5/07/1809)

Os médicos que atendem ao enfermo governador são nomeados e qualificados, sendo personagens de relativa importância no obituário: depois de José Avellino, são citados o médico França (que levou o enfermo do palácio de governo para o histórico Forte de São Pedro e permitiu passeios de carruagem), o médico Manoel Luiz (vindo da corte e que informou à condessa sobre o risco de vida do marido) e, por fim, o médico Alvarenga, o cirurgião Barata e outros três assistentes (que em vão colocaram papas sobre o lugar da dor para ver se descobriam a origem do mal). Com os médicos nomeados, o redator passa a noticiar o momento exato da morte, com o chamado efeito de real que se espera de um texto literário realista e é bem-vindo, quando sem exagero, no relato jornalístico.

Nada aproveitaram todas essas diligências [médicas] porque na manhã do dia 24 de maio, das 10 para as 11 horas, passou à eternidade a alta de estimável conde, que deixou em saudosa consternação ao numeroso povo desta cidade. (Gazeta, 5/07/1809)

A luta do nobre contra a doença e os movimentos feitos por ele para acalmar a esposa, a Condessa da Ponte, então grávida, são informações que intensificam o fundo moral da narrativa quando contata após o anúncio da morte, dando formato literário para o obituário inaugural.

Em todo o decurso de sua moléstia [o governador] se portou com admirável coragem e resignação. Confessou-se, sacramentou-se e ungiu-se: fez testamento e sempre governou, e hora e meia antes de se finir, foi o oficial comperente [detentor de conhecimentos] receber o Santo do dia, e, estando com ele seu confessor, o vigário da Freguesia

da Vitória, pediu-lhes que se afastassem (...) Assim que desconfiou da sua morte, entrou a animar a excelentíssima condessa, dizendo-lhe que não morria pois a via aflitíssima, estando grávida de quatro para cinco meses. (Gazeta, 5/07/1809)

Frequentemente vista com maus olhos por alguns leitores, a seção de obituários dos jornais é valorizada porque desperta o interesse público, seja pelo grau noticioso ou pela curiosidade que traz. No primeiro obituário publicado no Brasil o grau informativo, a morte do governador, carrega dados curiosos, como a gravidez da condessa e sua despedida no enterro do marido.

A excelentíssima e aflita condessa da Ponte antes de sair de casa o corpo de seu marido, saiu do quarto, rodeada das senhoras da terra, banhada em lágrimas e rompendo por inumerável povo, que se achava na mesma casa, procurou a sala onde estava depositado o corpo do marido, a prestar-lhe o último obséquo de despedida, e, apenas o corpo saiu da dita casa, se retirou para a Roça de Antônio Monte, onde fica lamentando a viuvez com nove filhos menores e um no ventre. (Gazeta, 5/07/1809)

Seguindo os movimentos e as descrições propostos na análise crítica narrativa, encontra-se no texto características que ajudam na classificação do obituário inaugural quando se observa de perto os seis movimentos narrativos elencados pelo autor Luiz Gonzaga Motta (2013):

Tabela 1: Análise crítica da narrativa do primeiro obituário publicado no Brasil

<b>Movimento</b>	<b>Descrição</b>	<b>No obituário de 1809</b>
Recomposição do acontecimento jornalístico	Notícias como fragmento disperso de significações parciais.	O obituário não avança sobre como ficará o governo da Bahia após a morte do governador. Foca no acontecimento da morte como conteúdo informativo
Identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios	O conflito é o elemento estruturador de qualquer narrativa, particularmente da narrativa jornalística, que lida com rupturas, descontinuidades e anormalidades.	O conflito no obituário do Conde se dá pela descrição da luta em vão dos médicos contra doença desconhecida. O recurso dramatiza a morte, já sabida pelo leitor desde o início do texto.
A construção de	O reconhecimento das	Os médicos, um vindo da corte, são

personagens jornalísticas	personagens e de sua dinâmica funcional ocorre concomitantemente com a identificação dos episódios porque as personagens são atores que realizam coisas (funções) na progressão da história.	personagens, mas secundários. A condessa, no entanto, é coadjuvante na narrativa. Sua importância é central na história. Revela a nobreza do governador morto, que tenta acalmá-la, grávida mesmo estando em estado grave de saúde. No encerramento do obituário, ela volta à cena no velório do marido, em lágrimas, para se despedir e sai de cena levando seus nove filhos “e um no ventre”.
Estratégias comunicativas	O discurso objetivo do jornalismo narra de maneira independente da intervenção do narrador, dissimulando a fala como se ninguém estivesse por trás da narração.	Os tempos verbais, como em os reflexivos “confessou-se, sacramentou-se e ungiu-se”, deixam clara essa preocupação de distanciamento. Ela também ocorre com os marcadores temporais, como “em princípios do mês de abril do ano corrente de 1809 adoeceu”. Excelentíssimo
A relação comunicativa e o “contrato cognitivo”	Trata-se do foco narrativo ou “focalização”, que distingue entre o narrador que tudo sabe, comum no jornalismo, daquele que participa da história, daquele que toma conhecimento da história aos poucos. Na teoria do jornalismo pensamos em “enquadramento” e “abordagem”.	Tal estratégia se evidencia na “cena” final descrita no obituário, deixando clara a posição do narrado, como observador em: “Excelentíssima e aflita condessa da Ponte antes de sair de casa o corpo de seu marido, saiu do quarto, rodeada das senhoras da terra, banhada em lágrimas e rompendo por inumerável povo, que se achava na mesma casa, procurou a sala onde estava depositado o corpo do marido”.
Metanarrativas	Trata-se do fundo ético e moral da história	Por fim, observando o plano da história em torno do primeiro obituário, nota-se que além de

		informar a morte do governador e as circunstâncias em que ocorreu o falecimento e o velório, tem-se a intenção clara de colocar no nobre no rol de celebridades históricas da colônia Brasil. É o que se nota no trecho: “Concluído este ato fúnebre, foi metido em uma sepultura, em que há mais de noventa anos se enterrou o Conde de Vimieiro D. Sancho de Faro e Souza, que governo esta capitania (Bahia) nos anos de 1718, e a quem sucederam no governo o arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide, o mestre de campo João de Araújo de Azevedo, e o chanceler Caetano de Brito de Figueiredo” (Gazeta, 5/07/1809).
--	--	--

Trata-se, portanto, de um obituário que reúne as principais características dos obituários publicados desde então no Brasil, demonstrando um sistema estilístico que vem sendo seguido. Tal relato apresenta caráter híbrido entre os gêneros utilitário (morre o governador da Bahia que recebeu Dom João VI quando ele chegou ao Brasil), informacional (o governador morreu em 24 de maio de 1809, na capital da Bahia, de doença súbita desconhecida pelos médicos, deixando nove filhos menores e a esposa grávida), e também diversional, lançando mão de recurso estilístico para amenizar o peso da morte ao formar um perfil biográfico que o enquadra no jornalismo literário. Com esse objetivo usa recursos literários, tais como efeitos de real, adjetivações e descrições de ambientes e de situações.

### **Considerações finais**

No Brasil, os gêneros são estudados desde a década de 1960. É a trilogia de Luiz Beltrão<sup>8</sup> que abre a sequência de estudos que o professor Marques de Melo consolidaria e aprofundaria nos anos seguintes, tornando-se autor referencial para esta temática.

---

<sup>8</sup> Com os livros *A imprensa informativa* (1969), *Jornalismo interpretativo* (1976) e *Jornalismo opinativo* (1980).

---

Com este aprofundamento o formato obituário passa a figurar ora como gênero utilitário, sobretudo quando restrito a uma nota de falecimento ou mesmo a um anúncio fúnebre. Passa a figurar também como gênero informativo, quando o relato se estende, sobretudo quando o morto é uma celebridade ou uma autoridade.

Estudos mais recentes, após os anos 2000 e a popularização da internet e sua profusão de conteúdos, indicam o pertencimento dos obituários no gênero diversional. Análises sobre o caráter literário de obituários publicados no início deste século pelos jornais New York Times e Folha de S. Paulo passam a estender às narrativas de morte mais elaboradas, especialmente aquelas com formato perfil do morto, o status de peças do jornalismo literário ou do novo jornalismo.

Os estudos sobre a história da imprensa no Brasil a cada ano são enriquecidos com contribuições de pesquisadores, sobretudo do grupo denominado História da Mídia, ou Rede Alcar. A presente pesquisa busca contribuir com estes estudos ao identificar o primeiro obituário publicado na imprensa brasileira, no distante ano de 1809, dez meses depois de iniciada a primeira impressão de jornal em solo brasileiro, algo que era terminantemente proibido antes de 1808.

A pesquisa busca ainda contribuir analisando criticamente a narrativa desse primeiro obituário que, desde então, já trazia as características de formato híbrido, entre os gêneros instrucional, informativo e diversional, com ares de jornalismo literário retomado com os obituários que redigem o perfil do morto, tão populares neste século.

O primeiro século do jornalismo no Brasil é literário. Literatos escrevem na imprensa, como defendem os pesquisadores da história de nosso campo acadêmico. Natural que os primeiros textos da imprensa tenham características literárias. É pitoresco, no entanto, essa característica se estender inclusive para o obituário inaugural, que, portanto, integra um sistema que recentemente se consolidou na web com relativo sucesso exatamente quando o texto ganha status de perfil do morto e os conteúdos utilitário e informacional ganham papéis coadjuvantes para o protagonismo ficar com o diversional, com o jornalismo literário.

## REFERÊNCIAS

DAROS, Sonia Cristina Pavanelli ; SEMMLER, Jonathan Henrique. . **O professor no post-mortem: um estudo de caso sobre formações discursivas e ideológicas nos obituários da Folha de S. Paulo.** In: VI COLÓQUIO DA ALED BRASIL, 2016, SÃO

---

CARLOS. Cadernos de Resumos ALED - 2016. SÃO CARLOS: UFISCAR, 2016. v. 1. p. 171-171.

FOWLER, Bridget. **The Obituary as collective memories**. Nova York: Routledge, 2007.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo-SP: Editora Ática, 2002.

MAROCCO, B. **Fragmentos de vidas exemplares**. Revista FAMECOS mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 372- 389, maio/ago. 2013.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José.; ASSIS, Francisco. de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARTINEZ, Mônica. **Uma questão de estilo: estudos dos obituários da Folha de S. Paulo**. Comunicação & Inovação, São Caetano do Sul, v. 14, n. 26, p.28-35, jan./jul. 2013.

\_\_\_\_\_. **A vida em 20 linhas: obituários e jornalismo literário**. Intercom.. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2012, Fortaleza. Anais. Fortaleza: 2012.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. **Oficial, mas nem tanto**. In: Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 3, nº 28, janeiro de 2008.

SEMMLER, Jonathan Henrique ; DAROS, Sonia Cristina Pavanelli . **A construção discursiva do obituário brasileiro no jornal Folha de S.Paulo**. Fórum Linguístico , 2018.

SERVA, LEÃO . **Um dia, uma vida**. 1. ed. São Paulo: Três Estrelas, Publifolha, 2015. v. 1. 216p .

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

SUZUKI JR, Matinas. A pauta de Deus. In: \_\_\_\_\_. **O livro das vidas: obituários no New York Times**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

## ACERVO

Gazeta do Rio de Janeiro. Hemeroteca da Biblioteca Nacional: edições do nº 1, de 10 de setembro de 1808, ao nº 157, de 31 de dezembro de 1822.